

**BRINCADEIRAS INFANTIS, LINGUAGEM “POLITICAMENTE CORRETA”
E O PAPEL DO SUJEITO NO TEXTO E NA SOCIEDADE**

Nair Ferreira Gurgel do Amaral¹

RESUMO: Este ensaio propõe uma discussão/reflexão acerca das cantigas de ninar e das cantigas de roda, assim como das frases de pára-choque de caminhão e dos provérbios. Todos esses gêneros textuais serão analisados sob a ótica da Linguística e da Cultura. O enfoque multicultural será acompanhado por um estudo da subjetividade discursiva, tendo como suporte teórico os estudos de Michel de Certeau (1994) sobre a ideologia do cotidiano, Mikail Bhaktin (1986) sobre a heterogeneidade e a polifonia da linguagem; Homi Bhabha (1998) e Canclini (2006) sobre a diversidade cultural. Analisamos os papéis sociais desempenhados nas manifestações linguísticas, procurando imprimir o olhar do cientista, destituído de todo e qualquer preconceito em relação ao objeto de análise. A análise dos textos evidencia que a língua[gem] nunca é neutra e que haverá sempre uma ideologia permeando os discursos.

Palavras-chave: Cultura popular, linguagem, subjetividade, ideologia.

ABSTRACT: This essay considers a discussion/reflection concerning nursery rhymes, lullabies and round songs as well as sayings placed on truck bumpers. All these textual genres will be analyzed from the Linguistic and Cultural perspectives. The multicultural approach will be followed by studies of the discursive subjectivity, having as theoretical support the studies of Michel de Certeau (1994) on the ideology of the daily life, in Mikail Bhaktin (1986) on the heterogeneity and the polyphony of the language and Homi Bhabha (1998) and Canclini (2006) on the cultural diversity. We analyze the social roles performed in the linguistics manifestations, proposing to print scientist's look, free from any preconception in relation to the analysis object. The analysis of the texts reveals that the language is never neutral and that there will always be an ideology permeating the speeches.

Keywords: Popular culture, language, subjectivity, ideology.

¹ Professora da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Doutora em Linguística (Análise do Discurso), com Pós-Doutorado em Educação (Leitura e Formação Docente), líder do Grupo de Estudos Integrados sobre a Aquisição da Linguagem – GEAL, projeto “Alfabetização de Ribeirinhos na Amazônia” - nairgurgel@uol.com.br

Linguagem e reducionismo

A proposta deste ensaio é uma discussão/reflexão que coloque um “meio-termo” em questões reducionistas, relacionadas a textos orais divulgados na mídia, ora por quem os ataca veementemente, ora por quem os defende de forma não menos passional. Falaremos das cantigas de ninar, das cantigas de roda, das brincadeiras, mas abordaremos também as frases de pára-choque de caminhão e os provérbios. Todos esses gêneros textuais serão analisados sob a ótica da Linguística e da Cultura. Não é nosso propósito classificá-los/rotulá-los, porém, dar-lhes um enfoque multicultural e subjetivo com apoio nas teorias da linguagem, do sujeito e da diversidade cultural. Como suporte teórico, buscamos fundamentação nos estudos de Michel de Certeau (1994) sobre a ideologia do cotidiano, Mikail Baktin (1986) sobre a heterogeneidade e a polifonia da linguagem, Homi Bhabha (1998) e Canclini (2006) sobre a diversidade cultural. Analisamos os papéis sociais desempenhados nas manifestações linguísticas, procurando imprimir o olhar do cientista, destituído de todo e qualquer preconceito em relação ao objeto de análise.

Sabemos que o objeto da Linguística é todo e qualquer texto e/ou discurso formador de toda e qualquer manifestação cultural em jogo com os seus sujeitos produtores. Como uma ciência multidisciplinar, interessa à Linguística explicar as condições de produção das enunciações e os processos de construção de sentido envolvidos nas práticas discursivas. Dessa forma, expandindo cada vez mais seu objeto de estudo, a Linguística tem se concentrado na fala popular. Por exemplo, com os estudos linguísticos, foi possível entender que o significado não se dá no interior do signo, em oposição ao significante, mas no uso da linguagem, de acordo com o contexto, com a participação do usuário da linguagem no momento da fala.

A Análise do Discurso, preocupada com as condições de produção dos discursos sociais, busca explicar porque os mais diferentes discursos acontecem naquele tempo e lugar, com aqueles sujeitos e não em outro tempo e lugar com outros sujeitos. Preocupamos, neste ensaio, o sujeito que produz o texto e pode ser identificado pela fala, muitas

vezes mais eficiente que as impressões digitais. Procuramos, então, encontrar o itinerário da formação dos textos, em função do grupo social envolvido, da ideologia pregada, da tradição defendida, difundida ou criada.

A fim de que possamos atender a tese do reducionismo proposta no início, apresentamos uma discussão, com dois pontos de vista diferenciados, a respeito das cantigas e brincadeiras infantis.

No primeiro texto, não assinado e repassado por e-mail como sendo de autor desconhecido, encontramos uma delegação de responsabilidade pela alienação do povo brasileiro às brincadeiras e cantigas ouvidas na infância. O título do material é: *Baixa Auto-Estima é Tradição do Brasil* e inicia com uma apresentação comparativa entre a cultura brasileira e a dos Estados Unidos.

Eu, um brasileiro morando nos Estados Unidos da América, para ajudar no orçamento, estou fazendo "bico" de babá e estudando.

Ao cuidar de uma das meninas de quem eu "teoricamente" tomo conta, uma vez cantei "Boi da cara preta" para ela, antes dela dormir. Ela adorou e essa passou a ser a música que ela sempre pede para eu cantar ao colocá-la para dormir. Antes de adotarmos o "boi, boi, boi" como canção de ninar, a canção que cantávamos (em inglês) dizia algo como: "Boa noite, linda menina, durma bem. Sonhos doces venham para você, Sonhos doces por toda noite"... (Que lindo, né mesmo!?) Eis que um dia Mary Helen me pergunta o que as palavras em português da música "Boi da cara preta" queriam dizer em inglês: "Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega essa menina que tem medo de careta..." (???) Como eu ia explicar para ela e dizer que, na verdade, a música "boi da cara preta" era uma ameaça, era algo como "dorme logo, pentelha, senão o boi vem te comer"? Como explicar que eu estava tentando fazer com que ela dormisse (...) Vou explicar: Nós somos ameaçados, amedrontados e encaramos tragédias desde o berço! Por isso levamos tanta porrada da vida e ficamos quietos. (Autor Desconhecido, 2003).

Antes que o "autor desconhecido" exponha sua tese, antecipamos nossa análise, mostrando uma primeira incoerência textual e discursiva no seu desabafo/depoimento. Se a criança "adorou" a cantiga do *Boi da cara preta* e essa "passou a ser a música que ela sempre pede" antes de dormir, não há tese que sustente a influência da letra no comportamento adulto da criança. Nem é preciso ser estudioso de psicologia para perceber tamanha contradição. À criança, ao dormir, interessa mais o afeto, o aconchego, o carinho e a melodia musical, claro. Geralmente, ela ainda não é capaz de compreender as palavras, mesmo sendo falante de uma mesma língua, ainda mais

quando é usuária de outro código linguístico. Portanto, o fato de levar “porrada da vida” e não reagir (atribuído pelo autor do texto às ameaças e medos transmitidos pelas cantigas de ninar) pode estar relacionado a outros contextos sociais vivenciados pelo indivíduo em sua infância; por exemplo, dependência financeira, submissão, conformismo etc. Porém, o sujeito que produz o texto prefere explicar sua tese, atribuindo ao cancionero popular a origem da violência adulta. Vejamos alguns trechos:

Atirei o pau no gato-to-to. Mas o gato-to-to não morreu-reu-reu. Dona Chica-ca-ca admirou-se-se. Do berrô, do berrô que o gato deu. Miaaaau!

Para começar, esse clássico do cancionero infantil é uma demonstração clara de falta de respeito aos animais (pobre gato) e crueldade. Por que atirar o pau no gato, essa criatura tão indefesa? E para acentuar a gravidade, ainda relata o sadismo dessa mulher sob a alcunha de "D. Chica". Uma vergonha!

O cravo brigou com a rosa debaixo de uma sacada; O cravo saiu ferido e a rosa despedaçada. O cravo ficou doente, a rosa foi visitar; O cravo teve um desmaio, a rosa pôs-se a chorar.

Desgraça, desgraça, desgraça!!! E ainda incita a violência conjugal
(Autor Desconhecido, 2003)

Mesmo um adulto que queira analisar seriamente a letra das músicas acima não fará a leitura proposta pelo autor do texto. É preciso contextualizar o comportamento dos gatos, nem sempre indefesos, o alcance semântico do verbo “atirar”, a relevância do elemento coesivo “mas” na função de alternância significativa e, principalmente, entender que o verbo “admirar” tem pouquíssima relação com sadismo. Admitimos que, neste contexto, a expressão está mais voltada para o sentido de assustar-se, surpreender-se, do que para gostar de, ficar feliz com. Percebem como um texto pode propiciar diferentes leituras? E que esse fenômeno depende de saber analisar as condições de produção do discurso, mas também depende da enciclopédia do leitor?

Algumas respostas vieram juntamente com o texto, ora concordando, ora discordando do “Autor Desconhecido”. As pessoas que concordavam, reforçavam a “violência” das letras, porém não se posicionavam nem citavam exemplos de crianças “traumatizadas” por causa das letras das músicas. As que discordavam diziam que só perceberam “isso” depois que ficaram adultas. “Isso”, no caso, refere-se à violência explícita ou implícita nos textos.

O fragmento a seguir é de um partidário da “alienação imposta” aos brasileiros pelas letras das músicas/brincadeiras infantis, mas critica também outros gêneros musicais, cujas letras “pregam algum tipo de desvio”.

Gostaria de frisar que muitas outras canções pregam algum tipo de desvio e são cantadas por nossos jovens e crianças como se fossem algo perfeitamente normal. Não vou nem falar sobre os "funks". Aqui vai um exemplo: *Vem aqui, que agora estou chamando. Vem meu cachorrinho, a sua dona está mandando.*

Creio que todos conhecem vagamente esta música. Ela prega não mais uma liberação da mulher, mas uma verdadeira revolução. A cantora prega fazer com os homens aquilo de que as mulheres reclamavam. Ela, a música, prega ter o homem como simples objeto.

(Aloysio. 14/10/2003)

Aqui, sim. Uma letra que tem alguma (má) intenção. O “desvio” defendido pelo autor acima, refere-se, na verdade, a um tipo de preconceito e/ou discriminação. Acontece que na defesa de uma categoria, há o ataque a outra. Incluir significa acolher, respeitar, colocar para dentro quem está fora, diferentemente dos processos de exclusão - práticas caracterizadas pela recusa de um modo de vida institucionalizado. O preconceito e a discriminação estão intimamente ligados como formas de exclusão social. A palavra “preconceito” tem o sentido de uma opinião formada por antecipação, geralmente sem uma análise mais profunda de um determinado assunto. O preconceito relaciona-se com a ignorância, entendida aqui como a ausência de conhecimento acerca de determinado assunto e é apenas a ideia (ou a falta dela) pré-concebida, já a discriminação é a ideia colocada em "prática".

Colocamos em evidência algumas reflexões de Bhabha (1998) no intuito de reforçar nossa concepção a respeito do termo “cultura” e chamar a atenção para a expressão “diferença cultural”, alvo de muitos debates na atualidade.

A cultura só emerge como um problema, ou uma problemática, no ponto em que há uma perda de significado na contestação e articulação da vida cotidiana entre classes, gêneros, raças, nações. Todavia, a realidade do limite ou texto-limite da cultura é raramente teorizada fora das bem intencionadas polêmicas moralistas contra o preconceito e o estereótipo ou da asserção generalizadora do racismo individual ou institucional - isso descreve o efeito e não a estrutura do problema. A necessidade de pensar o limite da cultura como um problema da enunciação da diferença cultural é rejeitada. (BHABHA, 1998, p. 63)

Aprende-se com Bhabha que a cultura como objeto do conhecimento empírico diferencia-se da diversidade cultural, uma vez que esta é um processo de significação, através do qual, afirmações sobre a cultura discriminam e os cuidados do pesquisador devem dobrar quando o tema é cultura. O campo é minado, porém compensador, desde que ele (o pesquisador) tenha em mente que “nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro”. (BHABHA, 1998, p. 67)

Recentemente, quase dez anos depois, eis que me chega às mãos um texto assinado e contrariando as argumentações anteriores. Verifiquei, posteriormente, que o referido texto estava publicado em <www.coluna do lam.com.br>, com o título de “O cravo não brigou com a rosa”, assinado por Luiz Antônio Simas, professor de História. O autor retoma a questão das cantigas infantis, defendendo a idéia de mantê-las conforme foram concebidas originalmente da oralidade, no que eu concordo plenamente, porém enfoca, também, como se fosse da mesma categoria de análise, a questão da linguagem politicamente correta. Vejamos um trecho de cada campo de análise:

- Da influência das músicas infantis no comportamento dos brasileiros:

Soube dia desses que as crianças, nas creches e escolas, não cantam mais *O cravo brigou com a rosa*. A explicação da professora do filho de um camarada foi comovente: a briga entre o cravo - o homem - e a rosa - a mulher - estimula a violência entre os casais. Na nova letra "o cravo encontrou a rosa debaixo de uma sacada/o cravo ficou feliz /e a rosa ficou encantada". Que diabos é isso? O próximo passo é enquadrar o cravo na Lei Maria da Penha. Será que esses doidos sabem que *O cravo brigou com a rosa* faz parte de uma suíte de 16 peças que Villa Lobos criou a partir de temas recolhidos no folclore brasileiro? É Villa Lobos, cacete! [...] Comunico também que não se pode mais atirar o pau no gato, já que a música desperta nas crianças o desejo de maltratar os bichinhos. Quem entra na roda dança, nos dias atuais, não pode mais ter sete namorados para se casar com um. Sete namorados é coisa de menina fácil. Ninguém mais é pobre ou rico de marré-de-si, para não despertar na garotada o sentido da desigualdade social entre os homens. (SIMAS, 2011).

- Da linguagem politicamente correta e suas possíveis consequências:

Dia desses alguém [...] foi espinafado porque disse que ecologia era, nos anos setenta, coisa de viado. Qual é o problema da frase? Ecologia, de fato, era vista como coisa de viado. Eu imagino se meu avô, com a alma de

cangaceiro que possuía, soubesse, em mil novecentos e setenta e poucos, que algum filho estava militando na causa da preservação do mico leão dourado, em defesa das bromélias ou coisa que o valha. Bicha louca, diria o velho. Vivemos tempos de não me toques que eu magôo. Quer dizer que ninguém mais pode usar a expressão coisa de viado? Que me desculpem os paladinos da cartilha da correção, mas isso é uma tremenda babaquice. O politicamente correto é a sepultura do bom humor, da criatividade, da boa sacanagem. A expressão coisa de viado não é, nem a pau (sem duplo sentido), ofensa a bicha alguma.

Nem é preciso frisar que o reducionismo impera nesse texto. Para não falar em fundamentalismo, radicalismo e outros “ismos” que tanto contribuem para a segregação social. Uma coisa é criticar a letra da música e mesmo se posicionar contrariamente ao que estão fazendo os educadores nas escolas; outra coisa é generalizar, com base na teoria do “politicamente correto”, adotando posturas preconceituosas e discriminatórias. Se as letras das músicas infantis não devem ser alteradas (o que eu concordo), isso não significa que se possa pregar a violência verbal, o desrespeito e a intolerância em frases preconceituosas, como as usadas pelo autor.

É sabido que tudo que vem da cultura oral, portanto do folclore, não tem autoria. Foi colhido do povo, nas ruas, nas praças, nas comunidades. Alguém (geralmente um linguista, um antropólogo, um sociólogo, um psicólogo...) registrou, catalogou e passou a fazer parte da cultura letrada escrita. É claro que isso tem um ônus – esses textos vão sofrendo adaptações e perdendo muito da cultura original. Foi assim com os contos de fadas, com as fábulas, com as músicas do cancionário popular. Quem não se lembra de “Cuitelinho” e suas desastrosas adaptações feitas pelas duplas sertanejas? Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Pele de Asno, dentre outras, são exemplos inversos do que aconteceu com as cantigas infantis. Para cair no gosto infantil, elas sofreram adaptações que retiravam (supostamente) delas as idéias de violência física e/ou sexual. O didatismo sobrepôs à literatura e o “Era uma vez” tornou-se mesmo sinônimo de mentira, confirmado pelo chavão que as encerra: “E foram felizes para sempre”.

O povo em sua cultura não esconde a realidade, ao contrário, conta-a por meio de uma linguagem simbólica, metafórica. É por isso que o cravo *briga* com a rosa, o soldado, *cabeça de papel*, marcha para o quartel, o Bitu tem medo de *apanhar*, o boi da cara preta *pega* as crianças que têm medo de careta. Não podemos esquecer a origem

das cantigas de ninar, também conhecidas como acalantos folclóricos. Diferentes raízes étnicas podem ser constatadas nas cantigas de ninar, dentre elas a portuguesa, a indígena e a africana. Os mitos (cuca, saci, tatu, caipora), os personagens religiosos (santos e anjos) aparecem para, segundo Câmara Cascudo (1984, p. 8) “embalar crianças, fazendo-as adormecerem mais depressa em função de uma certa monotonia na letra e muitas vozes onomatopaicas”². A reduplicação da sílaba tônica é de origem africana: dodói, tutu, nenê e outras como: angu, calunga. Já, jururu, cururu e outras são de origem indígena. Com a instalação da escravidão no Brasil, apareceu também a questão do aleitamento dos filhos dos senhores pela “mãe preta” ou “ama-de-leite” que fornecia leite natural a um bebê que não era seu. Na época, a maioria das mulheres casava-se em tenra idade, impossibilitando-as de efetuarem seu papel de mãe: “amamentar”. A escrava ama-de-leite era chamada à senzala para ajudar mães franzinas de quinze anos a criarem seus filhos.

Existe uma linguagem “politicamente correta”?

A respeito da linguagem “politicamente correta”, há controvérsias em relação ao seu uso e aplicação. A primeira coisa que precisamos entender é que a linguagem não aceita patrulhamentos. É só lembrar as últimas ocorrências, algumas vencidas, outras nem tanto, porém todas muito contestadas. Estou falando da polêmica em torno do uso dos estrangeirismos (PL Aldo Rebelo), da duvidosa reforma ortográfica, da repercussão negativa na mídia do livro didático para a EJA – Educação de Jovens e Adultos.

Ainda sobre a expressão “Politicamente Correta”, lembramos que a mesma “foi tomada do jargão stalinista dos anos 50 que designava a obediência irrestrita à linha política ditada pelo comitê central” (SEMPRINI, 1999, p 61). Atualmente, os que adotam o “pc” preocupam-se em evitar que a auto-estima das minorias sejam atingidas com humilhações e/ou ofensas. Assim, é implantada uma política de purificação da língua que

² Palavra que imita o som daquilo que significa. Hum; Ui; Glup! etc

quer acrescentar ao idioma expressões e termos novos, a fim de valorizar os indivíduos e os grupos cuja importância é ignorada não somente pela atitude monocultural dos grupos dominantes, mas também pela linguagem, que não prevê termos para designá-los de maneira específica ou aceitável (SEMPRINI, 1999, p. 62-3)

As duas correntes do “pc” utilizam-se das concepções de linguagem extremamente opostas: uma que vê a linguagem como um código controlador e outra que entende ser a linguagem uma forma de interação social. A grande diferença entre elas é que há uma terceira via a ser considerada: *a língua[gem] nunca é neutra*. Haverá sempre uma ideologia permeando os discursos. Portanto, se há uma certa utopia nas propostas da linguagem politicamente correta, há que se ter também o respeito pelo cidadão.

Em seu bojo teórico, a Linguística trouxe um respeito maior à diversidade social e regional, tentando, assim, encontrar um caminho para o itinerário da formação dos textos, em função do grupo social envolvido, da ideologia pregada, da tradição defendida, difundida ou criada. Fazer uma leitura, sob a ótica da Linguística e da Cultura, em textos de manifestações populares propicia perceber manifestações do sujeito enquanto indivíduo participante nas práticas cotidianas, uma vez que toda e qualquer manifestação cultural é passível de análise.

Os exemplos dados pelo professor de História são, na maioria, ofensivos, depreciativos e humilhantes. Não se trata mais de uma tentativa utópica de respeito, controlada pela língua. O que vemos em expressões como as abaixo relacionadas, é afronta, desafio, ofensa mesmo.

O crioulo - vulgo *picolé de asfalto* ou bola sete (depende do peso) - só pode ser chamado de afrodescendente. **O branquelo** - o famoso *branco azedo* ou Omo total - é um cidadão caucasiano desprovido de pigmentação mais evidente. **A mulher feia** - aquela que nasceu pelo avesso, a soldado do quinto batalhão de artilharia pesada, também conhecida como o *rascunho do mapa do inferno* - é apenas a dona de um padrão divergente dos preceitos estéticos da contemporaneidade. **O gordo** - outrora conhecido como *rolha de poço*, chupeta do Vesúvio, Orca, baleia assassina e bujão - é o cidadão que está fora do peso ideal. **O magricela** não pode ser chamado de *morto de fome*, pau de virar tripa e Olívia Palito. O careca não é mais o aeroporto de mosquito, *tobogã de piolho* e pouca telha. [...] **A velhice** não existe mais. O sujeito cheio de pelancas, doente, acabado, o famoso *pé na cova*, aquele que dobrou o Cabo da Boa Esperança, o cliente do seguro funeral, o popular tá mais pra

lá do que pra cá, já tem motivos para sorrir na beira da sepultura. A velhice agora é simplesmente a "melhor idade". (SIMAS, 2011) (os grifos são meus).

Ora, se há palavras e expressões que, usadas em textos orais ou escritos, não discriminam um indivíduo em especial, essas acima só podem ser utilizadas com a intenção de ofender e diminuir, não se constituem, com certeza, “na sepultura do bom humor, da criatividade, da boa sacanagem”. E há uma? Desde quando o bom humorismo e a criatividade pregam a humilhação? Até onde sei, o humor inteligente é aquele que subverte. Uma subversão que não é das normas de conduta e respeito ao outro, mas às regras impostas ao texto certinho, às palavras dicionarizadas que não permitem o duplo sentido, a ambiguidade, a ironia e a polifonia. É um trabalho árduo de pessoas que precisaram aprender para poder então subverter a ordem. É certo que existe muito humor barato por aí, inclusive e principalmente na televisão. Lá, encontraremos os velhos estereótipos que retratam sempre os grupos minoritários e já excluídos socialmente: a mulher, o homossexual, o caipira, o negro, a criança, a empregada doméstica, o deficiente físico, o índio, o/a feio/a, o/gordo/a, o/a idoso/a etc.

Portanto, equivocam-se, no meu ponto de vista, os dois textos. O primeiro por querer imputar à linguagem uma carga de responsabilidade que ela não tem. As crianças podem cantar “Atirei o pau no gato”, assim como os adultos cantam “Amélia que era mulher de verdade e achava bonito não ter o que comer”, sem se responsabilizar pela violência aos animais ou ao machismo contidos nas respectivas letras das músicas. A melodia sobrepõe-se a linguagem, nesse caso. O que há implícito (?) no texto “O cravo não brigou com a rosa” é a palavra dita, quase sempre, na tomada de posições diante de fenômenos sociais como a homossexualidade, o racismo, a velhice, a obesidade. É um Eu que quer se sobrepor ao Outro, utilizando-se de recursos pseudo-humorísticos.

Expressões que excluem e sujeitos que oprimem

Infelizmente, existe uma “cultura” machista, opressora, autoritária que se mostra em diferentes gêneros, como nas *frases de pára-choque de caminhões*. Elas, sim, são machistas, na sua grande maioria, e ninguém proíbe ou inibe seu uso. Quem escreveu,

não sabemos, mas há um sujeito que a adotou, tornando-a pública, fazendo suas as ideologias nelas contidas. Vejamos os exemplos a seguir:

As mulheres perdidas são as mais procuradas
Mulher e fotografia só se revelam no escuro
Paquere todas as mulheres, mas conserve a sua direita
Mulher de amigo meu é igual cebola, só como chorando

Se para os estudiosos da linguagem, somente os contextos determinam os sentidos, ou seja, somente as condições de produção do discurso onde acontece a cena enunciativa, podem precisar os efeitos de sentido provocados em ambos os interlocutores, na maioria das frases de pára-choque de caminhão não há como não perceber a intencional ambiguidade provocada por uma não menos intencional escolha de palavras que fazem do autor também um sujeito intencional, cuja estratégia discursiva é clara – a inferiorização da mulher e a supervalorização sexual do homem. Vejamos: as mulheres são “perdidas” e procuradas; falsas (implícito de “revelam”), traidoras. Os homens são os caçadores das mulheres, os reveladores das identidades femininas, os conservadores da honestidade da mulher, os “comedores” e pior – os falsos chorões quando traem os amigos. Há naturalmente um jogo com o duplo sentido das palavras (perdida x procurada; revelar, direita x errada e não esquerda). Porém, o resultado gerado pela ambiguidade ou pela ironia é, no mínimo, desastroso.

É por isso que Canclini propõe para o termo “cultura” o seguinte conceito:

Produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido. (CANCLINI, 2006, p. 29).

Aqui, o individualismo dá vez ao humanismo e é por isso que “acima das culturas individuais, todos pertencemos à cultura da humanidade”. Isso porque todos reconhecem que o problema da interação cultural só emerge nas fronteiras significatórias das culturas, onde significados e valores são (mal) lidos ou signos são apropriados de maneira equivocada.

Outro gênero que propicia leituras excludentes são os provérbios. De cunho popular, sem autoria, portanto, consagrados pela “sabedoria” que exprimem, têm fundo moralista e ideologias diversas. Geralmente, recomendam o conformismo, a persistência, a cautela, a paz, a prudência, a paciência, a união.

A cavalo dado não se olham os dentes
Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura
Apressado come cru
Aqui se faz, aqui se paga
De grão em grão a galinha enche o papo
Deus ajuda quem cedo madruga
Deus dá o frio conforme o cobertor
Devagar se vai ao longe
E dando que se recebe
Quem ama o feio, bonito lhe parece

Porém, há os que não escondem a ideologia machista, autoritária, egoísta, mesquinha, chantagista, oportunista, conformista, como os relacionados a seguir:

Prenda suas cabras, que meu bode está solto
Quem come do meu pirão prova do meu cinturão
Quem parte e reparte e não fica com a melhor parte, ou é burro ou não tem arte
Farinha pouca, meu pirão primeiro
O mundo é dos espertos
Diga com quem andas e te direi quem és
Quem com porcos se mistura, farelo come

Há, ainda, os que, entendendo a pouca eficiência de alguns provérbios tentam reescrevê-los, apelando para o lado humorístico que não é outra coisa senão a subversão da ordem, no caso, da estrutura dos provérbios. Sendo eles de linguagem figurada, nunca são o que apresentam ser, ou seja, nunca devem ser lidos literalmente. Assim, *Filho de peixe, peixinho é*, significa também que os filhos se parecem com os pais, mas pode ser que o aluno tenha aprendido com o professor, o empregado com o patrão, o fiel com o pastor etc, etc. Só não pode ter o sentido que remeta ao peixe que habita as águas.

Nos exemplos a seguir, podemos comparar as duas formas e ver que, apesar do trabalho com a linguagem, eles continuam com uma carga ideológica muito forte. Se os

Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

provérbios originais pregam, na sua maioria, o conformismo, os provérbios revisados adotam o realismo cruel ou o fatalismo a que estão destinados os menos favorecidos.

Os últimos serão os primeiros
Os últimos serão desclassificados

Há males que vem para o bem
Há males que vem pra pior

Alegria de pobre dura pouco
Alegria de pobre é impossível

Devagar se vai ao longe
Devagar nunca chega

Quem espera sempre alcança
Quem espera, sempre cansa

Quem dá aos pobres, empresta a Deus
Quem dá aos pobres um dia será um deles

Quem ama o feio, bonito lhe parece
Quem ama o feio é porque o bonito não lhe aparece

Se, ideologicamente, a família, a escola, o trabalho, a religião, o partido político etc determinam um certo comportamento social, existe o reverso da moeda, já que ao sujeito cabe agir sobre a sociedade, modificando-a. Não é à toa que Bakhtin (1986, p. 47) afirma que “toda palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerada por ela”. E o sujeito, como pudemos perceber nas análises, foi buscar recursos na linguagem para demonstrar sua insatisfação com o mundo, sua intolerância, sua prepotência. Isso é bom, porque nos coloca diante de posições diferenciadas a respeito de um mesmo tema e nos permite registrar outra opinião, uma vez que a heterogeneidade faz com que cheguemos à seguinte conclusão: ao escolher uma determinada palavra, ou um determinado gênero discursivo, não o fazemos inconscientemente, mas porque sabemos da sua duplicidade de sentido, dos efeitos que irão produzir. As vozes existentes dos diversos gêneros são, é verdade, vozes sociais e históricas. Entretanto, cada modalidade de texto permite uma variedade de outras vozes, dialogando com os diversos gêneros, entrecruzando sentidos, resgatando a memória e escrevendo a história. Prova de que o sujeito não é um mero repetidor do já-dito, conforme De Certeau (1994), “as pessoas

usam os produtos e não apenas os consomem”. E numa época em que se fala muito em pluri, multi, hiper, necessário se faz repensar tanto o reducionismo quanto o holismo. Necessitamos de uma abordagem que possa considerar integradamente as partes e o todo, ou melhor, precisamos estabelecer discussões nas quais a existência das formações ideológicas e discursivas não exclua a participação de um sujeito ativo, responsável pelo que diz/escreve.

O gato, o cravo, a rosa – quem vai preso no quartel?

Caso fosse preciso encontrar um culpado para as violências atribuídas às letras das músicas/brincadeiras infantis diríamos que somos nós os adultos pouco preparados para lidar com as múltiplas possibilidades de exercer o ato de ler. Seja em casa ou na escola, a leitura tem sido relegada a segundo plano quando não completamente esquecida. Não estamos nos referindo à leitura que apenas decodifica, mas àquela que possibilita a visão de muitos sentidos. A importância da leitura na formação do ser humano ainda é pouco impactante, especialmente na formação de leitores críticos.

Sendo a leitura crítica fundamental para uma educação inclusiva e libertadora, urge que a priorizemos nas escolas, proporcionando aos alunos a possibilidade de “Constatar, Cotejar e Transformar” (SILVA, 2009, s/n). Assim, a leitura crítica é um bem social, uma vez que inclui o leitor enquanto cidadão, possibilitando a intervenção, o questionamento e, principalmente, a mudança – o ser “outro” depois do livro.

Pensamos que o papel ideal de um sujeito que é leitor crítico e que, vivendo em sociedade, absorve dela o que ela pode oferecer, seja emergir do grupo e oferecer alternativas. Esse parece ser o papel do verdadeiro sujeito-leitor crítico: não usa apenas, não vive apenas, não se soma aos outros apenas, mas doa-se, convive, divide-se e, dividindo, multiplica as possibilidades do outro.

Ao escrever, o autor passou por um processo de leitor que possibilitou a ele produzir um texto. E se esse texto de opinião, ou seja, argumentativo, ressalta-se aí a subjetividade que pode ser lida, inclusive, nas entrelinhas, no vão do discurso, uma vez



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

que escrever pressupõe construir um texto que é processado linguisticamente e socialmente. Assim, ler e escrever estão interligados; porém, enquanto a leitura é dotada de sedução, a escritura é um trabalho de transformar o pensamento, por vezes, um ato penoso que implica em rever, acrescentar, cortar, reescrever.

Por isso, nossa responsabilidade com o que lemos e com o que escrevemos. Muito de nós está presente nesses dois atos, mesmo que, às vezes, nem nos apercebamos disso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALOYSIO. *Baixa Auto Etima é Tradição no Brasil*. E-mail recebido em: 14/10/2003.

AUTOR DESCONHECIDO. *Baixa Auto Etima é Tradição no Brasil*. Recebido por e-mail em: 14/10/2003

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2 ed. 1986.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte/MG: Editora da UFMG, 1998.

CÂMARA CASCUDO, Luiz da. *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Martins Editora, 1984

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. Tradução Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Tradução da Introdução Gênese Andrade. 4 ed. 1. Reimp. – São Paulo/; Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Vozes, 1994.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru/SP: EDUSC, 1999

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e Formação Humana*. Palestra ministrada em Porto Velho/RO, 2009.

SIMAS, Luiz Antônio. *O cravo não brigou com a rosa*. Disponível em: <http://www.colunadolam.com.br> Acesso em: 09/10/2011

VANZOLINI, Paulo; XANDÓ, Antônio. *Cuitelinho*. Recolhido do Folclore Brasileiro.